

*Vós sois um exército sem quaisquer outras armas  
que não sejam a solidariedade,  
a esperança e o sentido de comunidade.*

papa Francisco



o papa Francisco numa carta aos  
movimentos e organizações populares

*Prossigam a vossa luta  
e cuidem uns dos outros  
como irmãos*

**H**OJE EM DIA, TALVEZ A MAIS AUTORIZADA VOZ, a de um verdadeiro líder mundial, é a do papa Francisco. Não se dirige aos chefes de Estado, aos empresários nem aos bilionários do sistema atual. Deles nada nos vem, a não ser mais do mesmo e sempre pior. Dirige-se àqueles que, nas suas palavras, “são verdadeiros poetas sociais, que, a partir das periferias esquecidas, criam soluções dignas para os problemas mais graves”. Suscita esperança e afirma enfaticamente: “Quero que pensemos todos no projeto de desenvolvimento humano e integral por que todos ansiamos, centrado no **protagonismo dos Povos** em toda a sua diversidade, e no acesso universal a estes três Ts por que lutais: **TERRA, TETO E TRABALHO**”. Aborda o cerne de uma questão sempre tão badalada: “**salários universais** que reconheçam e dignifiquem as nobres e insubstituíveis tarefas que realizais, capazes de garantir e realizar esse lema tão humano e tão cristão: **nenhum trabalhador sem direitos**” Estas são palavras de um sábio que conhece, por experiência e não por leituras, a dura realidade dos trabalhadores e dos destituídos de todo o mundo. Que se dá conta de que é da periferia do sistema atual que poderão surgir soluções salvadoras. Que conhece as penúrias e como transformá-las, solidariamente, em promessas de vida para as nossas famílias e comunidades.

O papa aponta-nos os verdadeiros caminhos. Se os seguirmos não ficaremos defraudados. Não daremos ouvidos às soluções meramente tecnocráticas que, apenas, pretendem que retornemos a situações anteriores, que se revelaram desastrosas para a maior parte de nós, e que foram vencidas por um invisível vírus da natureza. (L. Boff)

Carta 13.04.2020

Caros amigos

Aos irmãos e irmãs dos movimentos e organizações populares.

Lembro-me, muitas vezes, dos nossos encontros: dois no Vaticano, e um em Santa Cruz de la Sierra, e confesso que essa "memória" me faz bem, me aproxima de vós, me faz repensar em tantos diálogos, durante esses encontros, e em tantas esperanças que ali nasceram e cresceram, e como muitas delas se tornaram realidade. Agora, no meio desta pandemia, lembro-me de vós de uma maneira especial, e quero estar mais perto de todos.

Nestes dias de tanta angústia e dificuldade, muitos se referem à pandemia que sofremos com metáforas bélicas. Se a luta contra o COVID-19 é uma guerra, vós sois um verdadeiro exército invisível que luta nas trincheiras mais perigosas. Um exército sem quaisquer outras armas que não sejam a solidariedade, a esperança e o sentido de comunidade, que ressurgem nos dias de hoje em que ninguém se salva sozinho. Vós sois para mim, como vos disse nas nossas reuniões, verdadeiros poetas sociais, que, a partir das periferias esquecidas, criais soluções dignas para os problemas mais prementes dos excluídos.

Sei bem que, muitas vezes, não sois reconhecidos adequadamente porque, para este sistema, vós sois verdadeiramente invisíveis. As soluções do mercado não chegam às

periferias, e a presença protetora do Estado é escassa. Nem vós tendes os recursos para realizar as funções próprias do Estado. Sois vistos com suspeita, por superardes a mera filantropia por meio da organização comunitária, ou por reivindicardes os vossos direitos, em vez de permanecerdes resignados, à espera de ver se alguma migalha cai da mão dos que detêm o poder económico. Muitas vezes, rilhais os dentes de raiva e impotência, ao ver as desigualdades que persistem, mesmo quando não há qualquer desculpa para se manterem os privilégios. No entanto, não vos deixais ficar encerrados na denúncia: arregaçais as mangas e continuais a trabalhar em prol das vossas famílias, dos vossos bairros, para o bem comum. Essa vossa atitude ajuda-me, questiona-me e ensina-me muito.



Penso nas pessoas, especialmente nas mulheres, que multiplicam o pão nos refeitórios comunitários, cozinhando com duas cebolas e um pacote de arroz, um delicioso guisado para centenas de crianças, penso nos doentes, penso nos idosos. Vemo-las nos meios de comunicação convencionais. Penso,

também, nos camponeses e nos agricultores familiares, que continuam a trabalhar para produzir alimentos saudáveis, sem destruir a natureza, sem os monopolizar ou especular com a necessidade do povo. Quero que saibais que o nosso Pai Celestial olha por vós, vos valoriza, vos reconhece e vos apoia nas vossas opções. Quão difícil é ficar confinado em casa, para quem mora numa pequena casa precária, ou para quem, de fato, não tem teto. Quão difícil é para os migrantes, as pessoas privadas de liberdade, ou para aqueles que realizam um processo de cura para se libertarem de dependências. Vós estais lá presentes, colocando o vosso corpo ao seu lado, para tornar as coisas menos difíceis, menos dolorosas. Congratulo-me convosco e agradeço-vos do fundo do meu coração. Espero que os governos entendam que os paradigmas tecnocráticos (sejam os centrados no estado, sejam os centrados no mercado) não são suficientes para enfrentar esta crise, nem os outros problemas importantes da humanidade. Agora, mais do que nunca, são as pessoas, as comunidades, os povos que devem estar no centro desta crise, unidos para curar, cuidar, compartilhar. Sei que fostes excluídos dos benefícios da globalização. Não desfrutais daqueles prazeres superficiais que anestesiam tantas consciências. Apesar disso, sofreis, constantemente, os danos dessa

globalização. Os males que a todos afligem, atingem-vos duplamente. Muitos de vós viveis o dia a dia sem nenhum tipo de garantias legais que vos protejam. Os vendedores ambulantes, os recicladores de lixo, os feirantes, os pequenos agricultores, os pedreiros, as costureiras, os que realizam diferentes tarefas de atendimento e cuidados. Vós, trabalhadores informais, independentes ou da economia popular, não tendes um salário estável para resistir a este momento de crise ... e as quarentenas são, para vós, um fardo insuportável. Talvez seja chegada a hora de se pensar num salário universal, que reconheça e dignifique as tarefas nobres e insubstituíveis que realizais; capaz de garantir e tornar realidade esse slogan tão humano e cristão: nenhum trabalhador sem direitos. Gostaria, também, de vos convidar a pensar no "depois", porque esta tempestade vai acabar, e as suas sérias consequências já estão a começar a ser sentidas. Vós não sois uns improvisados quaisquer, tendes a cultura, a metodologia, mas, principalmente, a sabedoria que é amassada com o fermento de sentir a dor do outro como vossa. Quero que pensemos no projeto de desenvolvimento humano integral por que ansiamos, focado no protagonismo dos Povos em toda a sua diversidade, e no acesso universal aos três T que vós defendeis: terra e comida, teto e trabalho. Espero que este momento

de perigo nos desperte da situação de piloto automático, sacuda as nossas consciências adormecidas, e permita uma conversão humanística e ecológica, que acabe com a idolatria do dinheiro, e coloque a dignidade e a vida no centro dos nossos interesses. A nossa civilização, tão competitiva e individualista, com os seus níveis frenéticos de produção e consumo, os seus luxos excessivos e lucros desmedidos para uma minoria, precisa de mudar, de se repensar, de se regenerar. Sois os construtores indispensáveis desta mudança urgente; possuis, além disso, uma voz autorizada para testemunhar que este objetivo é possível. Conheceis crises e privações ... que com modéstia, dignidade, comprometimento, esforço e solidariedade, conseguis transformar numa promessa de vida para as vossas famílias e comunidades.



Mantende a vossa luta e cuidai uns dos outros como irmãos. Rezo por vós, rezo convosco e quero pedir ao nosso Deus Pai que vos abençoe, que vos encha do seu amor e vos defenda ao longo do caminho, dando-vos a força que vos mantém vivos e que nunca nos desaponta: a esperança. Por favor, rezai por mim, que eu também preciso.

Fraternalmente,  
*Francisco*

Cidade do Vaticano,  
12 de abril de 2020,  
Domingo de Páscoa.

<https://www.alainet.org/es/node/205851>



**Liberta a voz,  
homem cativo,  
e os homens  
todos  
do mundo todo  
serão mais livres.**

**Armindo Rodrigues  
(1904-1993)**

# o Evangelho dos empresários

O conhecido empresário multimilionário Warren Buffet afirmou, muito seguro de si: “Durante os últimos vinte anos houve uma guerra de classes, e a minha classe venceu”. Este milionário apregoava o triunfo dos empresários, solidamente instalado naquilo que o Nobel de Economia, Paul Krugman, qualificou como “o moderno conservadorismo que defende a ideia de que as chaves da prosperidade são os mercados sem restrições, e a busca desenfreada do lucro económico e pessoal”.



empresário multimilionário Warren Buffet

É isto que importa. E é isto que domina, atualmente, mesmo na economia e na política mundiais. Senão, pergunte-se aos milhões de desempregados, de deslocados, de imigrantes e de pessoas que, diariamente, morrem de fome e de desespero, como vemos e escutamos nos noticiários que nos

relatam o que, realmente, está a acontecer neste preciso momento.

Por isso, esta manhã, lendo o Evangelho, encontrei um texto genial que me fez pensar. Refiro-me à parábola do proprietário que andava à procura de trabalhadores para a sua vinha (Mt 20, 1-16). Não pretendo abordar, aqui, as questões discutidas e analisadas pelos especialistas no estudo do Novo Testamento. Independentemente disso, descobri na parábola três coisas que – segundo creio – se nos apresentam numa forma muito clara:

- 1) O empresário da vinha passou o dia à procura de desempregados a quem pudesse dar trabalho.
- 2) Chegada a altura de pagar o trabalho diário, o empresário da vinha apostou numa atitude de igualdade para com todos.
- 3) Ao pagar, o empresário da vinha começou pelos últimos (Mt 20, 8), e privilegiou os que tinham chegado quase no fim do dia (Mt 20, 16), aqueles que, tendo trabalhado menos, tinham ganhado o mesmo que aqueles que trabalharam mais. É evidente, portanto, que o importante, para este estranho empresário, não era o lucro, mas sim remediar o desemprego, acabar com as desigualdades e, caso

quisermos privilegiar alguém, os primeiros que temos de privilegiar são os que se encontram mais abaixo, os últimos deste mundo.

Será isto, realmente, possível? Pode um empresário do nosso tempo, com os pés bem assentes no chão, assumir, com todas as suas consequências, o projeto de empresário que esta parábola nos apresenta? E, sobretudo, será possível aplicar aos empresários, uma parábola que, na realidade, falava de Deus e não de nenhum empresário deste mundo?

É claro que a interpretação tradicional desta parábola, nos fala do comportamento de Deus para com os mortais, e não das relações dos empresários com os seus trabalhadores. Mas, quem somos nós para colocar limites ao Evangelho, à sua força e às suas possibilidades, à sua capacidade de dirigir, aos homens de hoje, uma palavra eloquente e exigente, a propósito da situação que se vive atualmente?

Compreendo que é mais cómodo colocar o “empresário” no céu, de modo a nós ficarmos, aqui na terra, com as mãos livres para organizar as coisas como mais nos interessa ou nos convém. Mas, por favor! Sejamos honestos e não coloquemos limites ao Evangelho. Já o grande exegeta Ulrich Luz nos chama a atenção para o facto de, desde Orígenes até aos nossos dias, as tentativas de aplicar esta parábola a situações atuais, nos mostrarem bem as “novas potencialidades de

sentido que o velho texto contém”. E isso mesmo costumam fazer não poucos professores e pregadores, quando explicam as parábolas.

Em todo o caso, o problema mais sério e urgente que temos de enfrentar, hoje em dia, é o de a economia e a política atuais, da forma como vêm funcionando, terem conseguido criar, até este momento, uma brecha tão grande entre ricos e pobres, que ela já é (e será) insuperável durante décadas e, quem sabe até, por muitos séculos.

Haverá solução para isto? É evidente que, tal como funcionam atualmente, nem a economia nem a política são capazes de resolver, nem sequer de deter, este assombroso desastre. A solução passará pelo surgimento de pessoas que, com um espírito alargado, e à margem do que nos dizem os economistas e políticos, sejam capazes de empreender, com firmeza, um novo caminho. O caminho indicado pelo Evangelho dos empresários.

Sei que a solução não é realista. É uma autêntica utopia. Mas também é verdade que, em situações limítrofes, só quem tem coragem e audácia para empreender, seriamente, caminhos de utopia, está em condições de nos oferecer uma palavra de esperança com futuro.

**JOSÉ MARÍA CASTILLO**

[https://www.religiondigital.org/opinion/Evangelio-empresarios-Jose-Maria-Castillo\\_0\\_1712828742.html](https://www.religiondigital.org/opinion/Evangelio-empresarios-Jose-Maria-Castillo_0_1712828742.html) (20-08-2015)

«*Tu seduziste-me, Senhor e eu deixei-me seduzir!*» (Jer 20, 7).

Vocação – Pentecostes – Comunhão – Missão! ...

Partilhamos este Poema do qual o **Padre Serafim** jamais se separou, desde que há mais de quarenta anos o soletrou! ...

Deste poema o Dr. Narciso costumava dizer aos seus jovens padres:  
«*Esta aqui tudo!...»*.

## [minh'alma exulta no Senhor]

minh'alma exulta no Senhor  
meu canto de alegria  
uma palavra nova vem  
um vento nos envia

eu sou de Deus o alaúde  
a corda que ele tocou  
para dizer que o longe é perto  
e o perto nos amou

um fogo encheu todo o lugar  
de força e claridade  
é Deus que passa e faz partir  
é Deus que faz a casa

dai-vos as mãos vós que viveis  
de ouvirdes sons futuros  
que nem a morte nem o medo  
vos fechem entre muros

é Deus que vai à nossa frente  
fazendo o que anuncia  
e é na memória de Jesus  
que tudo principia

JOSÉ AUGUSTO MOURÃO, OP (1947-2011)